

SATERÉ E MUNDURUKÚ

# Bombas, mortes e divisão

Fora da imprensa amazense, muito pouco se tem divulgado sobre os graves prejuízos causados aos povos Sateré-Maué e Mundurukú, no Amazonas, pela empresa estatal francesa Elf Aquitaine. Em agosto de 1981, a Elf, com a cobertura da Funai, invadiu as terras dos dois povos indígenas, para fazer prospecção de petróleo, em regime de "contrato de risco" com a Petrobrás (ver PORANTIM nºs 34, 35 e 37). Apesar de ter provocado, com suas bombas de nitroglicerina, a morte de quatro índios Sateré-Maué, a Elf Aquitaine, acobertada pelo delegado regional da Funai no Amazonas, Kazuto Kawamoto, não sofreu qualquer sanção penal.

O antropólogo e sertanista Ezequias Heringer (Xará), que trabalha no Amazonas, enviou ao PORANTIM um amplo relatório sobre o caso, que vai reproduzido parcialmente (por problemas de espaço) nesta página.

Os Sateré-Maué e os Mundurukú foram, inicialmente, enganados com promessas de gordas indenizações e de participação, no caso de se encontrar petróleo em suas áreas. A Elf Aquitaine colocou ali mais de 500 homens, trabalhando alternadamente entre os dois territórios tribais, sem que fossem atendidas as mínimas exigências de inspeção sanitária, usuais nos casos de concessão de autorização para entrada em área indígena. Não foi por acaso que aumentou dramaticamente nas aldeias atingidas, a incidência de moléstias infecto-contagiosas, como a malária, a febre amarela, a hepatite, blenorragia, a tuberculose.

Diante da abertura de cerca de 600 quilômetros de picadas na mata, implantação de inúmeros heliportos e bases de operação, construção de torres de prospecção, os índios se dirigiram à Funai, cobrando posições de defesa de seu patrimônio e do bem-estar das comunidades. Foi-lhes prometido o levantamento dos prejuízos. De fato, em dezembro de 1981, o antropólogo Célio Horst estimou o montante indenizatório em Cr\$ 50 milhões, apenas para a área sateré-maué. O então presidente da Funai, Coronel Paulo Moreira Leal, e um representa-

te da Elf Aquitaine fizeram uma entrega solene de apenas Cr\$ 5 milhões. Por que a Funai reduziu 90% da indenização estimada por um seu antropólogo? Para onde foram os outros Cr\$ 45 milhões?

Veio depois o estágio das detonações. Preliminarmente, a cada 100 metros de picadas abertas, detonou-se uma bomba contendo um quilo de nitroglicerina, para registros sismográficos. Nas áreas com indicação de maior potencial, as cargas explosivas chegaram a atingir até 500 quilos de nitroglicerina.

No desespero das crianças assustadas, da caça afugentada, dos rios poluídos, das mulheres prostituídas, os índios recorreram à opinião pública em busca de alianças para defesa do direito à sobrevivência. Encontraram incondicional apoio no CTI — Centro de Trabalho Indigenista, que, junto com diversos segmentos sociais de Manaus, encaminhou uma campanha de sensibilização da opinião pública e das autoridades.

FUNAI DIVIDE

Por seu lado, a Funai tentou dividir por dentro o povo Sateré-Maué, comprando alguns índios com "presentes". O maior erro da Funai foi tentar impor li-

deranças artificiais, como quando nomeou "capitão geral do rio Andirá" a um índio que sequer atendia ao pré-requisito fundamental de ser originário do clã Sateré. Pertencente ao clã Açai, o "capitão da Funai" não foi levado a sério pelos Sateré-Maué. Ao contrário do que a Funai esperava, os índios se uniram ainda mais em torno das autênticas lideranças, não se deixando seduzir por outras indenizações irrisórias, que a Funai depositou em cadernetas de poupança, para, com os juros, serem cobertos serviços que deveriam ser feitos pelo órgão tutor.

Com apoio próximo do Cimi, o CTI elaborou um dossiê para instrução do "interdito proibitório" (que corre até hoje na Justiça de Manaus), buscando retirar da área a Elf Aquitaine. O deputado estadual João Pedro também apoiou promovendo debates públicos, em salas fechadas, na televisão e até na própria Assembleia Legislativa. O caso ganhou as ruas. A Elf preferiu não encontrar petróleo, pois estes riscos de comprometimento de sua imagem não estavam previstos nos contratos com a Petrobrás...

Enquanto corriam as discussões, a demarcação da reserva Andirá-Marau, dos Sateré-Maué, foi paralisada, para aguardar os resultados da prospecção, que determinariam o aproveitamento, ou não, do subsolo da área indígena.

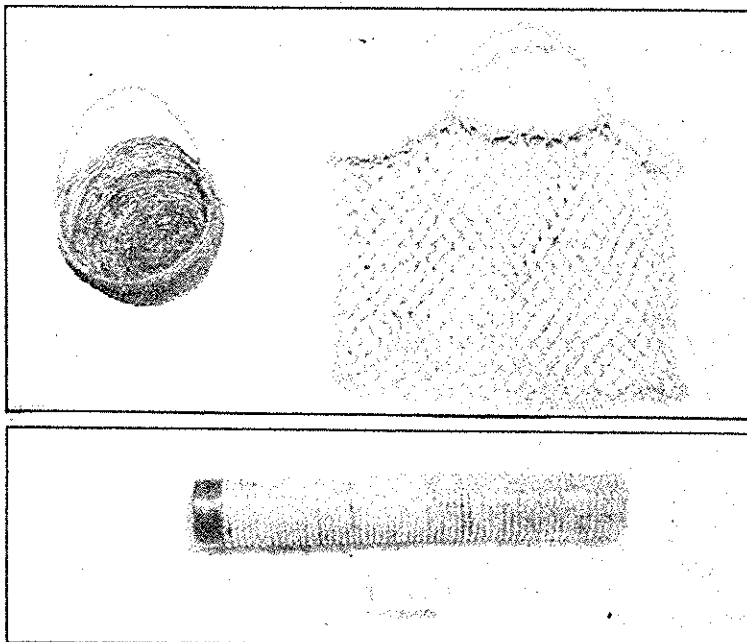
Numa atitude aparentemente inexplicável, a Elf Aquitaine abandonou de repente os territórios indígenas, deixando para trás um número incontável de bombas enterradas e semi-enterradas nas picadas por ela abertas. As bombas foram colocadas em posição de detonação, com os fios vermelhos e azuis, que as ligam ao detonador, denunciando sua presença dentro da mata. Os índios arrancam estes fios, puxando-os bruscamente de forma a se soltarem das bombas, e os empregam na confecção de bolsas, cestas, colares, cintos, em substituição aos cipós e fibras naturais.

MORTES

O índio Dacinho Michiles, com cerca de 25 anos, encontrou, nas imediações da aldeia Torrado, uma dessas bombas, e a desenterrou, juntamente com a espoleta de disparo. Utilizando uma pilha de lanterna, ligada à extremidade dos dois fios, Dacinho detonou a bomba dentro d'água, esperando, assim, matar peixes. Mesmo colocado a uma distância de 10 metros, foi atingido pelo impacto da explosão, vindo a falecer sem que houvesse qualquer recurso para socorrê-lo.

Na aldeia Fortaleza, Maria Faustina, esposa do tuxaua Geraldo Carvalho de Souza, mãe de três filhos, abriu uma bomba, retirando a massa de nitroglicerina que estava dentro. Juntou uma parte dessa massa nas mãos e foi para a roça. Ali, colocou pequenas porções de nitroglicerina nos formigueiros. Não demorou para que a mulher começasse a passar mal, com vômitos e fortes dores de cabeça. Maria Faustina morreu no mesmo dia, em meio a uma hemorragia generalizada. O mesmo aconteceu com o índio Calvíno; e, na aldeia Santa Cruz, com Lauro Freitas — totalizando, assim, quatro mortes.

Tanto a Funai como a Elf Aquitaine negavam, por meio de matérias pagas nos jornais de Ma-



As bombas deixadas na área transformam-se em artesanato

naus, a existência de bombas. Tentaram justificar as quatro mortes como provocadas por febre amarela.

Com a presença do deputado Mário Juruna em Manaus, dia 18 de fevereiro pp, algumas bombas foram levadas ao capitão Caron e ao tenente Nascimento, técnicos em explosivos, do Comando Militar da Amazônia. A imprensa estava presente quando os militares, após um exame superficial, confirmaram tratar-se de material altamente explosivo e intoxicante. Juruna, acompanhado pelo líder Sateré-Maué Raimundo Ferreira da Silva (Dico), visitou várias autoridades, apresentando a denúncia e exigindo uma solução. Duas bombas foram encaminhadas protocolarmente ao Exército — que, aliás, não se pronunciou oficialmente, até hoje. Mas, a partir desta movimentação, a Funai viu-se obrigada a reconhecer que a Elf havia sido negligente, ao abandonar, somente nas proximidades do Posto Indígena Marau, 67 bombas iguais às apresentadas pelos índios, que provocaram as quatro mortes. Os índios, então, passaram a exigir que todas as picadas fossem rastreadas por uma equipe especializada, para a retirada das bombas remanescentes.

REUNIÃO SECRETA

Em março último, o delegado da Funai, Kazuto Kawamoto, astuto protetor dos interesses empresariais, marcou uma reunião secreta com representantes da Elf e do Governo francês. Para sua surpresa, porém, lá chegaram os Sateré-Maué e os Mundurukú, acompanhados pela imprensa, cobrando o direito de participar das discussões. Os franceses desapareceram como por encanto e os funcionários da Funai, apesar de agora reconhecerem a existência das bombas, tentaram convencer os índios de que elas eram inofensivas. Mas os índios retrucaram: "Então os senhores, na nossa presença, abram esta bomba que temos nas mãos e passem um pouco no seu conteúdo na boca e nos olhos". Nenhum dos "tutores", é claro, quis se submeter ao teste...

Na mesma ocasião, o advogado da Funai, Roberto Alexandre, recomendou aos índios que, "se encontrarem este tipo de material (bombas), devem esconder e entregar a nós". O Cimi Norte-I, em nota oficial, datada de 30 de mar-

ço, alertou que recomendações como esta levariam a outras mortes, e pediu o imediato afastamento do caso, não apenas do advogado Roberto Alexandre, como do delegado Kazuto Kawamoto. O Cimi pediu ainda a responsabilização criminal de ambos, por sua atitude antíndio, ao confundiram sistematicamente a opinião pública, e pela participação nas mortes e prejuízos reclamados pelos índios.

Entre idas e vindas a Brasília, o delegado Kazuto Kawamoto divulgou, no início de abril pp, o relatório final de uma expedientíssima Comissão de Sindicância instituída pela Funai, cujas conclusões principais foram: "nao houve mortes por explosão de dinamite no momento em que as explorações estavam sendo feitas; a firma encarregada das explorações deixou na área explosivos sem ser desativados; a firma que fazia as explorações usando explosivos não tinha controle severo sobre os mesmos, nem tampouco na execução de seus trabalhos; todas as mortes foram em decorrência do contato direto com os explosivos achados na mata e levados para casa, o que vem caracterizar mais ainda a irresponsabilidade nos trabalhos; não houve qualquer caso de invalidez; existem ainda explosivos na área que precisam urgentemente ser desativados".

Ora, se os índios vinham já há muito tempo denunciando a existência das bombas em seus territórios — e a Funai, negando — como e por que, em tão curto espaço de tempo, a mesma Funai passa a alegar que as bombas foram de fato negligentemente abandonadas, vindo a causar quatro mortes? E preciso lembrar que a Funai mantém, nas reservas sateré-maué e mundurukú quatro postos indígenas: por que só agora ela reconhece que a Elf Aquitaine "não tinha controle severo" sobre os explosivos? E, nesse caso, o que estavam fazendo nas reservas indígenas os funcionários-tutores, que são destinados, pelo seu cargo, a defender os índios? Por que agora a culpa cai apenas sobre a Elf Aquitaine, se existe um convênio firmado entre a Petrobrás e a Funai, e a Elf é contratada da primeira? Agora, a Elf Aquitaine está convidando os índios para conversar. Será que esta conversa vai ressuscitar os quatro índios mortos?... (Ezequias Heringer)



Líderes Sateré-Maué com o "presente" deixado pela petrolífera